

...NEM BOM CASAMENTO.

AO MAJOR FRANCISCO ARAGÃO

Obrigadas pela necessidade de se expandirem, as grandes nações dividiram entre si, na Conferência de Algeciras, as regiões do Globo onde deviam exercer mais intensamente a sua acção, estabelecendo as chamadas «zonas de influência».

A Espanha deixaram o ôsso de Marrocos e, para que não berrasse muito, a esperança, meia fantasia, meia consentimento, dum certo e natural interesse pelas coisas de Portugal.

A Alemanha mandava na Costa Ocidental da África com o imediato «regimen de porta aberta» na nossa província de Angola, tomando a Inglaterra maior empenho no desenvolvimento e apetrechamento do Porto de Lourenço Marques...

As outras partilhas não veem agora à baila.

Ninguém, que tivesse feito parte do primeiro contingente da «Expedição ao Sul de Angola», terá esquecido a célebre «Missão da Entrega» com o seu carrinho boer d'armas portuguesas pintadas no tólido, os Snrs. oficiais alemães que depois fugiram deixando uns bonecos nas camas de campanha, e os nossos distintos coloniais que só por muito patriotismo teriam aceitado a *honra*sa incumbência de lhes abrir as portas.

Fui mais tarde incumbido de reconhecer a porta principal que na verdade os alemães andavam a estudar no carrinho boer d'armas portuguesas pintadas no tólido, para chegarem ao Planalto da Huila com a sua gente de guerra. A inconfiência dum boer de côr duvidosa indicou-me os «postos de étapes» na linha Swartzböi-Drief, Otchingou, Pocolo, quando eu vigiava, como comandante dos boers, aquela extensa e fácil linha de invasão.

Mas isto são contos largos que já perderam a oportunidade, e, como a sorte da guerra nos mandou ficar outra vez detentores da Grande Província, aliás hipotecada e arruinada pela Banca e pelo Embaixador, vejamos se as outras decisões de Algeciras, que nos interessam, seguem seus tramites, pois as que eram para os alemães estão nas mãos dos ingleses até melhor ocasião.

*

* *

Eu não quero ter a virtude de Frei Tomás nem a visão pessimista de quem, junto do Alto Poder do Estado, lembrou há dias Alcácer-Kibir.

Nem virtude, nem coragem, pois, se fôra santo, já tinha feito o milagre de mandar a política ao diabo, e general, aproveitaria essas elevadas qualidades e posto para falar menos e melhor actuar.

Mas quero dizer aos meus leitores, se os tenho,

que os jornais teem abordado agora, sem saberem, aquela decisão de Algeciras que muito nos interessa e que seria de vantagem ninguém ignorar, porque a troca de Marrocos por Gibraltar e a natural ambição do Directório em se manter, podem aproximar a fantasia duma grande realidade.

Falemos claro.

Marrocos é um sorvedoiro de homens e de dinheiro, que não dá nem lucro nem honra. A Hespanha inteira, se podesse sair de ali airoso, não hesitaria um segundo. O seu excesso de população nas terras de grande densidade não necessita emigrar, mas sim fixar-se na sua grande zona semi-deserta que importantes obras de fomento hidráulico hão de tornar fértil e abundante.

Para isso é preciso dinheiro, e o dinheiro de Marrocos, aplicado às comunicações e irrigação, à electricidade, muda parte de aquela terra, de verão árido numa campina verdejante e povoada. Porém, como nem só de pão vive o homem, e muito menos uma nação de gloriosas e arreigadas tradições, um ponto de honra só se troca por outro maior.

E qual seria ele?

Evidentemente Gibraltar.

Os ingleses, com Lagos, que a secular aliança lhes garante em caso de guerra, com Tânger, que a internacionalização faculta ao que mais próximo estiver, e com toda a costa de Marrocos em feitorias, portos de abrigo, praças fortes e aquela sua habilidade tradicional para dominarem os povos mais rebeldes, creando-lhes necessidades, dando-lhes dinheiro, assenhoreando-se do seu comércio, respeitando os seus costumes e religião, numa quasi inteira liberdade, continuam dominando no Mediterrâneo, que é do que precisam.

Posta na balança a conveniência política, económica e militar, para os ingleses Marrocos é muito melhor.

E para os espanhóis também conviria a troca? Na política imediata evidentemente que sim. Economicamente nem se discute.

Agora o lado moral, internacional e militar?

Dar aos ingleses qualquer coisa mais, para eles saírem de dentro de casa, é argumento capaz de convencer os mais teimosos.

Pelo lado internacional, ficar com Gibraltar, e talvez ainda com uma feitoria em Melila, para respeitar tradições, além de aquilo que secretamente as chancelarias resolverem, é ótimo.

Para a defeza militar da Espanha, só se alguém julga indispensável a um bom exército um campo

de treino como Marrocos, porque as outras vantagens e inconvenientes bem se equilibram com os aperfeiçoamentos da guerra moderna e não é pelo Norte de África que há de vir a nova invasão.

Depois, diriam os nossos aliados: «aquilo de Portugal necessita uma certa protecção, de gente que esteja mais próxima. Nós, com os empréstimos e com as dívidas, já temos nas Colónias a preponderância bastante. Façam vocês mais realidade a auctorização de Algeciras; façam-lhe na Metrópole a política que nós lhe fizemos com os Altos Comissários».

Os Weylers, com a promessa de novas conquistas, acalmam o ânimo belicoso. Os Primos continuarão a dizer, pela bôca dos nossos jornais, que «ao ver soldados portugueses fazerem-lhes continência nas ruas de Madrid (desafio de foot-ball), já não distinguem se são hespanhóis ou portugueses», e tudo, numa inconsciência nossa, que chega a causar nójo, terá o inevitável e ambicionado desfecho.

*
* *
*

Mas veem por aí abaixo os Primos todos, em som de guerra, a prática de Marrocos e a cantiga da Ibéria com que os aguadeiros molham o bico aos nossos patriotas vermelhuscos?

Se fôsse preciso, vinham. Mas não é. As coisas arranjam-se com est'outra invasão de pesetas e de predomínio económico e industrial, que pacificamente se vai infiltrando no seio de Portugal, parte do todo Península.

Haverá sempre aqui quem aplauda os rápidos da penetração militar (Sevilha), quem defenda a família dos Peigs, que administram grandes empresas jornalísticas e oferecem papel de graça (os beneméritos!) para outras gazetas que queiram lançar-se na aventura da política conservadora. Não faltarão os entendimentos aduaneiros preconizados pelo Rei, sem espanto admitidos como fáceis pelos palermas ajudantes de diplomatas que temos lá fóra.

Os agentes são aos milhares, somos nós todos com a nossa imprevisão, com a nossa inconsciência do perigo, com as nossas lutas internas, com a nossa política de facções, com a nossa marcha acelerada para a ruína.

Deixem-nos trocar Marrocos por Gibraltar e depois esperem-lhes pela volta.

Que a volta, neste negócio da troca, quem a há de dar somos nós...

SARMENTO PIMENTEL.

■ ■ ■ ■ ■

NO PRÓXIMO NÚMERO

REFLEXÕES SOBRE
FOMENTO PECUÁRIO

PALAVRAS DE OLIVEIRA MARTINS

«Os Paramentos servem apenas como impedimento, o que ás vezes não deixa de ter vantagens, e também como palco para a exibição de muitas vaidades e muitas mais misérias. Esse espectáculo não deixa de ser instrutivo, mas além de caro é desmoralizador.

«Temos repetido insistentemente as críticas ao Parlamentarismo actual, no que nem sequer nos cabe o mérito de originalidade: todos concordam em que não presta para nada. A diferença, porém, consiste em que muitos dizem que, ainda assim, se deve conservar o que está, pois não é possível encontrar melhor, enquanto nós dizemos, como o mantuano, *alia tentanda via est*.

«Não basta, porém, acumular críticas e acusações. É mister aventar ideas orgânicas, até para que os defensores pessimistas do *statu quo* parlamentar — e pessimistas porque negam a possibilidade de sair de um estado absurdo e pernicioso — não imaginem, ou não argumentem, com o fantasma das ditaduras ou dos absolutismos».

(dos DISPERSOS)

■ ■ ■ ■ ■

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO



ANTÓNIO DA FONSECA
NOSSO MINISTRO EM PARIS

(da EUROPE NOUVELLE)